

Auto-organização para mudar todo #MudemosTodo

BRIGA :: 11/05/2020

La única forma de acabar con este modelo económico y sus consecuencias en la lucha y organización popular

Analisando a origem do novo coronavírus podemos observar que na desflorestação sistemática e na depredação da natureza está a base para que este ou qualquer outro vírus se converta em pandemia.

Ao mesmo tempo, as pandemias aumentam os seus efeitos negativos quanto maior é a destruição da biodiversidade, facto que também facilita o passo do vírus de animais a pessoas. Tanto a desflorestação sistemática como a depredação da natureza som consequências do sistema económico em que vivemos: o capitalismo, cuja característica principal é o lucro imediato e a necessidade de crescimento ilimitado sem importar os custos. Isto mesmo é o que acontece com o câmbio climático, as grandes multinacionais e a oligarquia financeira que produzem por cima do que pode aturar o planeta, deixando as vindouras gerações condições de vida a cada vez mais insuportáveis, sobretudo para as classes populares.

Ademais da questão ecológica, que como dizemos tem um papel fundamental nesta pandemia, é importante destacar que, ao contrário do que anunciam e repetem os meios de comunicação, esta crise não é apenas sanitária, mas também (e muito alarmantemente), económica. O Banco da Espanha adverte de que se produzirá uma “perturbação sem precedentes” e a burguesia, amparando-se nesta situação, ataca com dureza as classes populares. No Estado espanhol há 50.000 despedimentos diários e no final do mês passado com esta crise já se destruíram por volta de 900.000 empregos. Perderam-se mais empregos nessas duas semanas que em todo o ano 2009. No nosso país a situação não é melhor, desde o início da alarme o capital já deixou mais de 203.000 pessoas no desemprego e fechou mais de 5.000 PEME's. Como sempre, as grandes prejudicadas desta nova crise somos as classes populares e, ainda mais, a mocidade incluída nelas. À precarização à que já nos submetia este sistema, e ainda sem poder ter-nos recuperado da anterior crise, soma-se uma nova, mas a mesma estratégia para resolvê-la: carregar o peso sobre nós.

Os últimos dados económicos indicam que estamos direcionadas a uma recessão global que poderia ser comparável com a do *crack do 29* e a estratégia dos governos ‘democráticos’ é que isto o pague a classe trabalhadora, quando as principais culpáveis são as grandes multinacionais. Estas focalizam a problemática da depredação do meio ambiente no indivíduo, enquanto as emissões globais de CO2, as talas maciças de árvores etc, são produto das suas próprias gestões. São estes mesmos governos os que põem a atividade económica por cima da saúde, os que não duvidam em obrigar o conjunto da população a ficar na casa pela força através da militarização, coartando assim toda a nossa liberdade e capacidade de luta coletiva. Famos todo isto com a escusa de *um bem comum* (a nossa saúde), mas consideram que esse bem não é suficiente para paralisar a economia, já que deixar a classe dominante sem o lucro que roubam do nosso trabalho é a sua última

opção neste sistema.

É por todo isto que afirmamos que **o vírus é burguesia e a pandemia é o capitalismo**. Fica bem claro nestes dias que é o trabalhador assalariado quem mediante a venda da sua força física é o que produz riqueza e não o empresário, como o sistema quer fazer-nos crer. **Estamos fartas de ser as que pagamos as crises económicas mentres somos exploradas pelas que as produzem**. É tão difícil pensar num mundo onde ninguém viva da exploração das outras e assim todas podamos ser totalmente livres? É tão difícil pensar num mundo que se baseie em relações de solidariedade e produza estritamente o preciso para satisfazer as necessidades da população sem maltratar a natureza, cuja defesa deve ser um pilar fundamental na organização social?

A solução passa inevitavelmente pela superação deste sistema que criou toda uma cultura baseada no individualismo. Os meios de comunicação estão a louvar estes dias as amostras (embora sejam superficiais) de solidariedade, altruísmo e ações coletivas como oferecer-se a ajudar as pessoas idosas ou com dificuldades, fazer “festas” improvisadas de varanda a varanda, ou ofertar serviços de graça como aulas, concertos etc; mas ao mesmo tempo aprendem-nos desde crianças valores totalmente contrários a estes. Assim é que estamos a ver vizinhas a assinalar-se entre elas pelo simples facto de sair à rua, mas ao mesmo tempo não se questionam quem são os culpáveis de que não podamos fazê-lo.

A única forma de acabar com este modelo económico e as suas consequências é a luta e a organização popular, desde o micro ao macro. Um Estado, pela sua própria natureza, encontra-se estrutural e profissionalmente separado das massas, sobre quem exerce o poder tomando decisões que afetam as suas vidas. Esse poder descansa, afinal de contas, na violência de cujo uso legal o Estado ostenta o monopólio através do exército e dos corpos policiais. Numha estrutura na qual o poder está distribuído de forma desigual a democracia é impossível. De BRIGA entendemos imprescindível a criação de pequenas assembleias de contra poder nos bairros, vilas e aldeias, que tratem de criar relações de solidariedade entre vizinhança e que expressem a vontade popular da mesma. Estas pequenas estruturas têm de ser ferramentas contra o Estado, que representa e defende a burguesia, e contra as ameaças do capitalismo.

Esta é a única maneira de superar o sistema de exploração capitalista e conquistar um mundo no que a tomada de decisões esteja na classe trabalhadora. Com este tipo de organização somos mais fortes, como já temos demonstrado em muitas outras crises (incêndios, Prestige...), a organização popular das galegas é quem de tirar as castanhas do lume a quem durante as vacas gordas se alçam como salvadores. É neste momento quando podemos ver que uma nova forma de organização social não só é possível, mas urgentemente necessária. As redes de apoio mútuo servem para desindividualizar os problemas e para coordenar a sua resposta. Toda esta crise demonstra que o capital não pode ser a prioridade de um sistema e que gerar espaços autogeridos à margem do mercado e do Estado é possível através do tecido comunitário.

Contudo, não paramos de escutar que com o fim do coronavírus acabarão todos os nossos problemas, mas nós sabemos que isto é apenas o princípio, que a idealização da *volta à normalidade* é uma estratégia para reforçar um sistema que hoje treme desde os seus

cimentos. A fim do coronavírus supom o começo de umha crise económica ainda pior que a que vimos sofrendo desde há mais de 10 anos e o pioramento da má qualidade de vida que já de por si nos ofertava este sistema. É por isto que berramos alto e claro que **nom queremos voltar à normalidade, queremos mudá-lo todo**. Toca aprofundar na capacidade de auto-organizaçom e conceber os laços comunitários como capazes de plantar cara ao clássico conflito Capital Vs Vida. Temos que entender esta crise, pois, como umha nova oportunidade para atingir o mundo que queremos. As condições nunca fôrom piores para a classe trabalhadora e, portanto, nunca foi mais necessário que hoje que a mocidade e o conjunto das classes populares nos organizemos para construir o mundo que queremos.

Só assim, decidindo sobre nós próprias, analisando as nossas condições materiais de existência, escolhendo as nossas prioridades e educando em valores de apoio e coletividade, poderemos expropriar o poder para o povo trabalhador.

<https://galiza.lahaine.org/auto-organizacom-para-mudar-todo>